

EM DEFESA DO DIÁLOGO CIÊNCIA-LITERATURA: UMA CONVERSA ENTRE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS E MONTEIRO LOBATO

Filipe Rafael Gracioli¹
Michel Ricardo Gracioli²

Resumo: O texto que trazemos estabelece um diálogo entre a perspectiva de geografia expressada na obra *Geografia de Dona Benta* (1935), de Monteiro Lobato e a perspectiva de ciência contemporânea discutida por Boaventura de Sousa Santos em *Um discurso sobre as ciências*. Na busca por defender e fazer aproximar os conhecimentos artísticos, pelo viés literário, e científico, como possibilidade de redimensionar o espaço geográfico em sua concepção teórica, o texto recupera a importância do pensamento de um grande autor da literatura infantil brasileira e estabelece uma relação com a noção do paradigma emergente no fazer científico do início do século XXI, na compreensão de que o diálogo literatura-ciência representa não apenas um modo de sair-se ao poder dos discursos, mas principalmente uma chave de entendimento a maneira como atribuímos valor ao conhecimento.

Palavras-chave: conhecimento científico; literatura; literatura infantil; Geografia.

IN DEFENSE OF DIALOGUE SCIENCE-LITERATURE: A CONVERSATION BETWEEN BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS AND MONTEIRO LOBATO

Abstract: The text we bring establishes a dialogue between the geography perspective expressed in *Geografia de Dona Benta* (1935), by Monteiro Lobato and the perspective of contemporary science discussed by Boaventura de Sousa Santos in *Um discurso sobre as ciências*. In seeking to defend and approach the artistic knowledge, by the literary bias, and scientific, as ability to resize the geographical space in a theoretical framework, the paper recovers the importance of thinking of a great author of Brazilian children's literature and establishes a relationship with the notion of the emerging paradigm in the scientific work of the early twenty-first century, on the understanding that the science-literature dialogue is not only a way out to the power of speech, but rather a key to understanding the way we attach value to knowledge.

Keywords: scientific knowledge; literature; children's literature; Geography.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus Rio Claro. filipe-rg@hotmail.com.

² Discente do Curso de Biotecnologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – Campus Araras e da Università degli studi di Roma La Sapienza, Roma – Itália. michel-rg@hotmail.com.

Número Especial da Revista Estudos Geográficos – XII Seminário da Pós-Graduação em Geografia, Rio Claro, 13(1): 147-156, jan./jun. 2015 (ISSN 1678—698X) <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

INTRODUÇÃO

O que a princípio parece ser apenas uma obra infantil desinteressada de crítica ou de reflexão aos poucos se nos vai revelando complexa em termos de caminhos conceituais. É assim que a Geografia de Dona Benta, obra escrita por Monteiro Lobato no início do século XX instiga-nos ao pensamento de reflexão sobre o nosso modo brasileiro de fazer conhecimento, especialmente o científico. A lúdica viagem dos personagens por um navio imaginário ao redor do mundo, na busca pela descoberta de culturas, de hábitos e de paisagens diversas faz mais que simplesmente colocar o leitor a par das características geográficas dos territórios visitados; mais que uma viagem qualquer, a viagem dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo quer instigar no leitor, especialmente na criança leitora, o mais-além representado por um movimento literário inaugurado por Lobato que trata da desliteraturização da literatura infantil, ou seja, de maneira prática e não apenas teórica, buscar pelo rompimento com os cânones de se pensar o conhecimento – científico, sobretudo, a criança leitora e a Geografia brasileiras do início do século passado.

A justificativa maior para este estudo está nas palavras de Santos (2003) que nos fornece o necessário para a construção de nossa reflexão. Há importância em considerar a literatura como uma possibilidade investigativa das raízes do conhecimento por nós produzido? De que maneira podemos tomar o conhecimento de literatura como importante ao entendimento de nossa história, de nossa geografia e de nossas condições atuais como povo que habita o território chamado de Brasil? Santos assim nos permite pensar:

[...] Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou colectivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso. [...] (SANTOS, 2003, p. 8).

A literatura, que por muito tempo e ainda nos dias atuais quase não encontra espaço junto ao conhecimento científico como caminho a compreensão de nossas realidades, aproxima-se do conhecimento ordinário citado por Santos, e assim se reduz à irrelevância e ao ilusório como possibilidade investigativa de nossa história e de nossa geografia. Intentamos com as reflexões aqui trazidas o movimento contrário a este que persegue a formação de nosso pensamento apenas pela via científica, ou seja, demonstrar as relações possíveis e necessárias, de acordo com o referencial teórico disponibilizado por Santos (2003) para a validação do conhecimento literário paralelamente ao científico como caminho viável à formação de nossas realidades, especialmente a geográfica.

Na literatura da Geografia de Dona Benta, Monteiro Lobato nos convida a conhecer o mundo de uma maneira distinta da de seu tempo: o espaço geográfico pensado, não apenas listado, nomenclaturizado ou citado. Um espaço geográfico indiviso na sua condição de arte e de ciência que signifique uma extensão da vida vivida, um espaço geográfico e como consequência, um mundo, em que sejam possíveis ao estudante leitor reconhecer-se como criador, como participante e como

definidor de suas ações; um espaço e um leitor protagonistas de suas próprias ações.

Na visão do mundo por Lobato há a perspectiva do estudante como um sujeito de ação política, um sujeito pensante e portador de inquietações próprias, vindas de sua experiência criadora e inventiva, que levam à experiência geográfica e ao desenvolvimento de uma relação de invenção espacial, que conduz à crítica e ao questionamento geográfico. A fórmula mágica de sua escrita, a da relação de experiência do espaço pela imaginação do infantil, refunda a lógica tradicional dos cânones do ensino – especialmente o de Geografia, que ultrapassa os limites do meramente descritivo; a oralidade assume o lugar da descrição e da nomenclaturização, mas não as nega nem as diminui em importância pedagógica, apenas institui o diálogo como parceiro na tarefa de educar.

Lobato apresenta-se a nós leitores como um narrador e, no caso da obra em que nos debruçamos, narrador de um espaço em formação. Sua obra, que surge em meio à presença ainda viva do romantismo literário regionalista, coloca-se como um monumento à resistência da narrativa em uma época de rápido desenvolvimento tecnológico e de aceleração dos contextos; é aí que a sua Geografia se faz importante como obra pedagógica, ao permitir que a narrativa persista entre aqueles que mais experienciam: as crianças. E diferente do romancista, que escreve isolado e que não sabe dar nem receber conselhos, o narrador escreve a partir da experiência sua e também da experiência de outrem, porque sua função é a de fazer sugestões “sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIN, 1996, p. 200) mais do que continuá-las ao seu modo, bem na direção do pensamento de Lobato, ao sugerir um caminho para a história do Brasil.

É neste sentido também em que se funda a importância da obra de Lobato, de que o espaço construído com a narrativa é um espaço de experiências geográficas que esbarram unicamente em sua natureza, abstraídas do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, um espaço mítico que abre um leque que tende a um infinito de questionamentos sobre a sua construção.

Tal como a figura do narrador, Lobato se move “para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens [...]” (BENJAMIN, 1996, p. 215). Nesse movimento de idas e vindas pela memória nosso autor resgata o conceito de artesanidade do conhecimento e a maneira como ele se dispõe na sociedade, chamando a responsabilidade do processo educativo para a própria criança leitora, com seus questionamentos “simples”, desinteressados, para seus familiares, seus amigos e para a própria sociedade, num momento da história em que a abertura democrática da escola abdicava para si a responsabilidade da formação humana que antes cabia à oralidade presente mais nas relações familiares.

Neste sentido Monteiro Lobato imprime ao espaço geográfico uma complexa rede de significados e de significantes: um espaço que é artístico, pela sua composição paisagística e por sua condição de supersujeito, auto-explicativo, e também científico, uma vez que é compartimentado, conceitualizado e definido. Esta complexa associação estabelecida por Lobato antecipa em muitos anos o movimento que Santos (2003) vem nos apontar em referência ao paradigma emergente nas ciências. Para ambos os autores, a Geografia e o conhecimento do espaço devem ser entendidos não como dualismos, como distinções entre pólos opostos, mas como conhecimentos indivisos, raízes de uma formação maior:

[...] O conhecimento do paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que há pouco tempo considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria [...]. Este relativo colapso das distinções dicotômicas repercute-se nas disciplinas científicas que sobre elas se fundaram. Aliás, sempre houve ciências que se reconheceram mal nessas distinções e tanto que se tiveram de fracturar internamente para se lhes adequarem minimamente. Refiro-me à antropologia, à geografia e também à psicologia. [...] (SANTOS, 2003, p. 39-40).

Nesta perspectiva, a da indivisibilidade do conhecimento – geográfico, em nosso caso - a aproximação entre ciência e arte se faz como uma ponte possível para alçar o propósito do indivisível, e a Geografia de Dona Benta se revela como uma chave importante nesse processo, porque se coloca como um conector entre conhecimentos de teores distintos que caminham para uma mesma direção, a do saber geográfico pela experiência vivida:

[...] A criação científica no paradigma emergente assume-se como próxima da criação literária ou artística, porque à semelhança destas pretende que a dimensão activa da transformação do real (o escultor a trabalhar a pedra) seja subordinada à contemplação do resultado (a obra de arte). Por sua vez, o discurso científico aproximar-se-á cada vez mais do discurso da crítica literária. De algum modo, a crítica literária anuncia a subversão da relação sujeito/objecto que o paradigma emergente pretende operar. Na crítica literária, o objecto de estudo, como se diria em termos científicos, sempre foi, de facto, um super-sujeito (um poeta, um romancista, um dramaturgo) face ao qual o crítico não passa de um sujeito ou autor-secundário. (SANTOS, 2003, p. 54-55).

Da literatura, que em Monteiro Lobato assume um tom de obra de arte, compreendemos a sua importância e a vitalidade que dela emana para a sobrevivência do pensamento, da liberdade de fazer o conhecimento de ciência e mesmo da própria Geografia. Como nos escreve Vigotski (2009) a obra literária implica um trabalho composicional específico, uma arquitetura...

[...] A reunião de imagens, a caracterização de personagens, a descrição de cenas, o desenrolar da trama; os modos de narrar, as escolhas de palavras e pontos de vista, as imagens de possíveis interlocutores; tudo isso faz parte desse trabalho, cujo produto final transcende o momento de criação, adquire uma existência autónoma, e escapa do domínio do criador, produzindo efeitos e afetos no próprio autor e naqueles que o recebem. (VIGOTSKI, 2009, p. 33).

À época de Lobato, no Brasil e em todo o mundo letrado, ao se falar em literatura infantil imediatamente recorria-se aos fabulários e contos escritos por adultos, numa linguagem adulta, para as crianças, repletos de um teor descritivo e classificatório, sempre reprodutores de uma mentalidade mítica do brasileiro e do Brasil, em sua condição espacial. Monteiro Lobato coloca-se na história da escrita
Número Especial da Revista Estudos Geográficos – XII Seminário da Pós-Graduação em Geografia, Rio Claro, 13(1): 147-156, jan./jun. 2015 (ISSN 1678—698X) <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

para o infantil como um divisor de águas, porque reformula uma literatura infantil que nascera adulta à maneira como ele próprio entendia o ser criança e o ser criança no espaço: uma condição de brincadeira, mas também de liberdade para o questionamento e principalmente para a imaginação criativa e desimpedida que só a infância tem. Lobato refunda com esta façanha o sentido e a concepção do didático, do artístico e do científico na e pela literatura infantil.

A GEOGRAFICIDADE - O ESPAÇO GEOGRÁFICO PELA PERSPECTIVA DE UMA REVISITAÇÃO CONCEITUAL

Na perspectiva da insuficiência do conhecimento científico frente a totalidade do entedimento do mundo real, Santos (2003) nos evoca a compreensão atual do espaço geográfico tomado pela ótica da ciência como um conhecimento egoísta que, ao se deparar com a impossibilidade de tudo compreender, se fecha ao desconhecido e exclui, assim, qualquer possibilidade de comunicação com outros meios:

[...] Sendo um conhecimento mínimo que fecha as portas a muitos outros saberes sobre o mundo, o conhecimento científico moderno é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza num autômato [...] num interlocutor terrivelmente estúpido. (SANTOS, 2003, p. 32).

Eis neste esclarecimento sobre os limites do conhecimento científico a justificativa para a grande beleza da obra de Monteiro Lobato que, em tom preditivo e ainda que talvez inconsciente, antecipa-nos a constatação da falência do puramente científico e nos apresenta a um mundo distinto aonde a compreensão “das coisas” vai para além daquilo que pode ser simplesmente categorizado, posto em moldes positivistas. Em se tratando de positivismos, experimentados por Lobato em seus anos mais produtivos, vem embutido neste seu mais inovador pensamento geográfico a sua indisposição para com o conhecimento clássico de ciência, saindo em defesa da arte literária como a ferramenta mais estável para conhecer minimamente os espaços que ocupamos e a Geografia que vivemos.

Esta Geografia repensada e re-sentida funda, além da resignificação do espaço geográfico, uma maneira outra de se exercitar o conhecimento geográfico no ambiente de aprendizado, seja a escola, seja a casa da família, ainda muito comum em seu tempo; ao refundar o conceito de didatismo do conhecimento geográfico, logro osmótico de seu esforço, Lobato resgata uma noção de extrema importância para a educação: a da persistência da literatura como mártir da formação humanizada. Eis aí um duplo movimento iniciado pela escrita de nosso autor – o de salvação das letras do arcaísmo cultural e a reinvenção do sentido de aprender, inaugurando um terceiro espaço, o do aprendizado pela experiência criadora que só a literatura consegue fornecer; afinal, conceber uma Geografia contada e não descrita e decorada, criando a especificidade que só a palavra de Lobato conseguira até então, demandaria a revisitação de todo o cânone sobre o conceito de educação.

A Geografia de Dona Benta, que não tem o compromisso do didático, dá o suporte para uma experiência leitora em Geografia que é imaginável, sensível e emotiva que “tende para a expressão literária.” (DARDEL, 2011, p. 81). Essa

Geografia do faz-de-conta proposta por Lobato captura o conceito da geograficidade proposta por Dardel, aquele ser e estar no mundo percebido a partir do espaço.

Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo, a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes. A geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, “ela se conquista como técnica de **irrealização**, sobre a própria realidade.” (DARDEL, 2011, p. 5 – grifo do autor).

Essa técnica de irrealização sobre a própria realidade, que se traduz para nós como a experiência sensível e consciente do espaço – a espacialidade - tem a mesma cola que permite compreender a historicidade como a realização da consciência do homem no tempo. Este é um dos indícios que atribuem o caráter de especificidade da literatura em Monteiro Lobato, cuja escrita nos leva a entender e a desenvolver esta geograficidade, que pelo tema do nacionalismo, por exemplo, cria uma sensibilidade para o homem brasileiro reconhecer-se como pertencente a uma nação, dotado de um aparato cultural próprio que não o faça olhar para o externo como modelo do belo e do verdadeiro, e que a ciência de seu tempo não detinha os parâmetros necessários a esta compreensão.

Como experiência, a Geografia de Dona Benta nos sugere a apropriação sensível do espaço - a experiência geográfica do espaço que implica no sê-lo e não apenas no tê-lo, olhá-lo com olhos de viajante que busca aproveitar o melhor de suas ofertas, como fizeram Pedrinho, Narizinho, Emília, Dona Benta, mas como não pode Tia Nastácia. Essa experiência geográfica é a célula que desperta no leitor a imaginação e vice-versa, e é dela também que deriva a vontade da criação.

À esta experiência sensível do espaço geográfico, permitida pela interseção saudável entre ciência e literatura, Santos (2003) ajuda-nos a reiterá-la com a consciência do movimento atual de busca pelo intelectual contemporâneo ao entendimento do espaço geográfico como resultado das insatisfações em compreender o mundo apenas pela ótica da categorização, da nomenclaturização ou mesmo da compartimentação, puramente científicos. A geograficidade pretendida por Dardel, o perceber-se no espaço a partir dele próprio, se nos coloca como um nó demonstrativo destas insatisfações, manifestadas já em Monteiro Lobato...

[...] Não é arriscado dizer que nunca houve tantos cientistas-filósofos como actualmente, e isso não se deve a uma evolução arbitrária do interesse intelectual. Depois da euforia científica do século XIX e da consequente aversão à reflexão filosófica, bem simbolizada pelo positivismo, chegámos a finais do século XX possuídos pelo desejo quase desesperado de complementarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios. [...] (SANTOS, 2003, p. 30).

Neste espectro de insatisfações, a literatura vem-nos para mostrar um caminho possível ao entendimento do geográfico sob outras miradas, sob experiências distintas, fundadoras de geograficidades; neste sentido, é a experiência do espaço que vem para marcar a geograficidade que emana da literatura da Geografia de Dona Benta. Se a historicidade é a formulação filosófica da tomada de consciência pela época de que o destino do homem é que ele se realize historicamente – o existir (DARDEL, 2011), a geograficidade vem a significar essa

existência no espaço, a realização espacial do homem, que envolve as raízes, os preconceitos, as ideologias e, sobretudo, as permanências e impermanências das identidades com as transformações do espaço.

Não obstante o desejo de “didatizar” sua obra, ao provar que uma didática do conhecimento geográfico é possível pelo viés literário a Geografia de Dona Benta refunda uma relação com os saberes sobre o espaço, que passam a exigir do leitor um retorno sensível, que caminha pelos sentidos da imaginação saudável, aquela que dá condição para o duvidar e para o negar. Uma experiência leitora em Geografia que olha para os pontos opacos dos conhecimentos geográficos, cuja realidade geográfica “apresenta lacunas, zonas de ‘silêncio’ que escapam da atenção do homem [...]” (DARDEL, 2011, p. 54), mas que podem ser compreendidas.

Sobretudo, é a liberdade que marca a geograficidade que se destaca na Geografia de Dona Benta. Barthes já apontara a necessária salvação da literatura porque todas as ciências e todos os conhecimentos estão presentes no “monumento literário”, inclusive a Geografia; e assim também reforça Goulart (2007):

A literatura e também a ciência podem nos letrar, libertando-nos de muitas amarras que levam à imobilização social, ao nos apresentar diferentes modos de vida, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras. Nos textos literários e científicos, pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros. (GOULART, 2007, p. 24).

Essa liberdade que a literatura promove está traduzida em Lobato pelo verbo morar: que a criança more nos livros como ele morara em Robinson Crusóé; que o norte de cada criança esteja na sua “casa” - nas suas experiências e sensações. O uso do verbo morar apresenta assim “o mundo do texto como um espaço, lugar definido, de forma que a leitura possa ser vista como um transporte, semelhante ao que viriam a fazer os personagens do Sítio, usando o pó de pirlimpimpim e o ‘faz-de-conta’.” (VIEIRA, 1999, p. 50).

Da obra de Lobato podemos constatar também uma subversão dos paradigmas da produção literária brasileira dirigida para o público infantil escolar de sua época, buscando na criança e no jovem estudante um público que de espectador passa a autor de sua história e injetando-lhe uma dose significativa de autovalorização, a partir da sua conduta de atenção ao relacionar-se com o espaço geográfico.

Esta conduta, que abre caminho para a trajetória da experiência geográfica vem acompanhada, na Geografia de Dona Benta, de uma humanização do conhecimento científico relacionado à compreensão do espaço, expressando uma tendência presente também no livro didático contemporâneo a esta obra, como resultado da investida escolanovista na transformação da concepção de escola e de conhecimento escolar no país. Estão embutidas aí as raízes a serem rompidas com o nosso mito fundador, buscar em nossa história os nós que nos engessam a respeito do nosso próprio pensar como brasileiros, ou seja, conceber-nos a nós mesmos pela história de nossas vivências, onde sejamos protagonistas, e não apenas pela história em que somos colocados como coadjuvantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A LÍNGUA E A DESLITERATURIZAÇÃO NA COMPOSIÇÃO DE UM SABER GEOGRÁFICO

Tão magnífica é a ação da literatura que somente ela é capaz de submeter à língua e a linguagem às circunstâncias espaciais, temporais, culturais ou de qualquer outra natureza: é a literatura que liberta o pensamento da razão formal e estética para a emoção e a criação, ingredientes que na escrita de Lobato são nada menos que o centro nevrálgico de toda uma ideologia de vida.

No entanto, em Lobato, esta literatura que liberta não se engessa por ela mesma: para as crianças era preciso contar, sair-se aos limites da literatura que submete língua e linguagem mas que delas depende para se firmar, usar do artifício da oralidade e dar vida àquilo que ele próprio denominara de deslitteraturização, a escapada da forma-padrão de pensar a infância, o conhecimento, os lugares, o espaço, um movimento novo na história brasileira, de importância não só literária, mas cultural, de modo mais abrangente.

Na língua, que para Barthes não é nem reacionária nem progressista, mas simplesmente fascista, porque obriga a dizer servidão e poder se confundem: “se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também e, sobretudo, a de não submeter ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem.” (BARTHES, 2010, p. 15-16).

Na língua, está a grande magia e a grande importância do discurso reacionário de Monteiro Lobato. Em seu pensamento é a língua - portuguesa, guarani, tupi, enfim, as muitas convivências linguísticas, para o caso do Brasil – a que atribui a identidade para a nação, para os grupos regionais, para os grupos minoritários; se à literatura ou à linguagem escrita se pode escapar, à língua nada escapa. Se a escrita e a leitura engessam, padronizam ou circunscrevem, a língua permite escapar-se a estes moldes, porque ela é o que resta: é o produto primeiro mais direto da relação de experiência do ser social, cotidiano, mesmo por aqueles não a dominam.

Daí que a oralidade em Monteiro Lobato, que é a representante mais imediata da língua, admite uma força inexprimível: o contado, que nada mais é que o exercício da língua falada, revela aquilo que a língua escrita não é capaz de realizar por completo: a captura dos indícios e dos sinais particulares e próprios que corporificam as identidades, os regionalismos – que são as identidades circunscritas ao espaço, os mitos. Tal como o estrangeiro que em terras desconhecidas se vê perdido, desconectado de suas raízes, só o que permite reconhecer-lhe fora de seu território é a sua língua, que passa a ser a sua identidade.

A tentativa de qualificar o conhecimento geográfico ou tudo aquilo que propõe Lobato com a sua Geografia esbarra em certa medida na quantificação que propõe ou que obriga a língua, na sua necessária tradução do que se passa por meio da palavra, que não dá conta, nunca, da totalidade da abrangência da explicação daquele conhecimento, uma vez que a língua é o empoderamento que tudo nos obriga a dizer. Assim, no nível da consciência humana não é possível fugir-se à língua, como a base fundamental de explicação dos fenômenos. É um ponto importantíssimo em Lobato, porque revelador da sua relação artesanal com a palavra e com as ideias é este do alargamento do seu domínio sobre o poder limitador que a língua impõe ao escritor, do domínio da explicação racional sobre a

realidade na sua forma mais primordial, que decorre do seu relacionamento profundo com a palavra em outras línguas.

Sobre este domínio do uso da língua na costura entre diferentes conhecimentos por Lobato, que se expande para a dimensão da narrativa e do oral, Santos (2003) nos acrescenta importância sobre este movimento que, no atual momento de modificação de paradigmas vem a confirmar o que aquele autor já há muito tempo havia proposto com a sua literatura desliteraturizada. Assim nos aponta: “[...] Os objectos têm fronteiras cada vez menos definidas; são constituídos por anéis que se entrecruzam em teias complexas com os dos restantes objectos, a tal ponto que os objectos em si são menos reais que as relações entre eles.” (SANTOS, 2003, p. 34).

O confronto entre a língua escrita e a língua falada, a oralidade, neste sentido dá valor maior ao oral por conta exatamente do poder de nomeação e explicação que a oralidade permite e que a escrita não permite necessariamente acessar: cai por terra o dito popular de que “o papel aceita tudo”, quando na prática é a língua falada que quase tudo pode, em função principalmente da sua transição flexível tanto pelo tempo quanto pelo espaço. Decorre assim deste confronto a importância maior à narrativa como alternativa a perpetuação dos saberes, associada à reprodução gráfica da palavra que permite maior alcance e presença espacial, e que foi tomada por Lobato como a base para a divulgação de seu projeto de Geografia e de conhecimentos escolar e científico para o estudante e para a criança de seu tempo.

Na esteira das discussões sobre a importância das relações entre conhecimentos, importa-nos finalizar com a questão que indaga a respeito de nosso campo de investigações, o do conhecimento científico: *De que maneira Monteiro Lobato influenciou o momento atual na ciência?* O pensamento de Lobato, que na Geografia de Dona Benta expressa-se apenas como a ponta de um *iceberg*, inicia na literatura infantil e no pensar sobre o conhecimento um movimento de ruptura e de instalação de um novo paradigma, um movimento de revisitação do conhecimento científico, especialmente para a Geografia. É agora um conhecimento científico aproximado da experiência da vida humana que nos importa, um conhecimento científico que esteja a todo o momento junto ao homem, em suas ações, em seu pensamento, não apenas como um lugar a ser acessado por poucos.

É uma Geografia e um espaço geográfico humanizados que se pretende com a Geografia de Dona Benta, e a literatura é apenas uma via para se realizar este propósito. São ciências de fato sociais, que tenham o homem como elemento ativo e central nas suas investigações que importam, especialmente com o paradigma emergente trazido por Santos:

[...] os fenómenos sociais são de natureza subjectiva e como tal não se deixam captar pela objectividade do comportamento; as ciências sociais não são objectivas porque o cientista social não pode libertar-se, no acto de observação, dos valores que informam a sua prática em geral, e, portanto, também a sua prática de cientista. (SANTOS, 2003, p. 20-21).

Por fim, cabe-nos a constatação de Boaventura de Sousa Santos quando nos alerta para a ideia de que é necessário um retorno às coisas simples, à formulação de perguntas simples, que somente uma criança é capaz de fazer, mas que depois de feitas trazem-nos uma nova luz sobre nossas perplexidades. Assim *Número Especial da Revista Estudos Geográficos – XII Seminário da Pós-Graduação em Geografia*, Rio Claro, 13(1): 147-156, jan./jun. 2015 (ISSN 1678—698X) <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

caminha também o pensamento de Monteiro Lobato, para quem a busca por um pensamento simplificado, semelhante ao questionamento da criança, pode trazer-nos as respostas que apenas buscamos na ciência, esquecendo-nos das muitas possibilidades investigativas de que dispomos para pensarmos e fazermos a Geografia, o Direito, a Medicina...

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 197-232.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**. Natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011, 159p.

GOULART, Cecília. Linguagem, práticas culturais e ensino fundamental de nove anos. **Presença pedagógica**. v. 13, n. 76. [s.l.], jul./ago., 2007, p. 14-25.

GRACIOLI, Filipe Rafael. **A identidade nacional e a formação do espaço-nação na experiência literária da Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato**. 2013. 129f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. 2013.

LOBATO, Monteiro. **Geografia de Dona Benta**. 1 ed. Série I. v. XXII. Ilustrações de J. U. Campos e Belmonte. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, 234p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 14 ed. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

VIEIRA, Adriana Silene. O livro e a leitura nos textos de Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. [Org.]. **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 45-64.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Imaginação e criação na infância**. Ensaio psicológico: livro para professores. Tradução de Zoia Prestes. Comentários de Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009, 135p.

NOTA: Agradecemos ao Prof. Dr. João Pedro Pezzato (UNESP - Rio Claro, Depto. de Educação) pelo apoio, incentivo e contribuições à elaboração do texto e às reflexões sobre o tema estudado e a FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo apoio financeiro.

Artigo submetido em: 22/06/2015

Aceito para publicação em: 24/06/2015

Publicado em: 22/08/2015